



BUDISMO NO SÉCULO XIX:
a rota de manuscritos e as interpretações europeias

BUDDHISM IN THE 19TH CENTURY
the manuscript route and european interpretatios

EL BUDISMO EN EL SIGLO XIX:
la ruta del manuscrito y las interpretaciones europeas

Lauri Emílio Wirth *

Universidade Metodista de São Paulo.
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.
E-mail: lauri.wirth@metodista.br
ORCID: 000-0001-8138-6926

Loyane Aline Pessato Ferreira *

Universidade Metodista de São Paulo.
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.
E-mail: loyaneferreira@gmail.com
ORCID: 0000-0002-2790-4769

RESUMO

Este artigo aborda o desenvolvimento dos estudos europeus sobre a Tradição Budista entre o final do século XVIII e começo do XIX. Seu objetivo geral é a caracterização das interpretações dos europeus sobre o Budismo. Os objetivos específicos são: delimitar a natureza destas leituras no contexto colonial e orientalista; caracterizar o papel de um personagem que proporcionou o acesso a textos; abordar chaves de interpretação dos europeus no período para o Budismo. O método utilizado é a discussão bibliográfica. O texto aborda o Orientalismo inicialmente, com foco nos Estudos Budistas; indica a participação de um funcionário colonial que atuou para enviar textos budistas para a Europa e menciona a busca dos europeus por um Budismo original. Por fim debate-se a teoria do Budismo como um objeto discursivo construído pelos europeus.

Palavras-chave: Budismo; século XIX; orientalismo; imperialismo.

ABSTRACT

This article addresses the development of European studies on Buddhist Tradition between the end of the 18th century and the beginning of the 19th. The general aim is to characterize European interpretations of Buddhism. The specific objectives are: to delimit the nature of these readings; characterize the role of a character who provided access to texts; find notions that are keys of interpretation of Europeans in the period for Buddhism. The method used is bibliographic

* Doutorado em Teologia pela Universidade de Heidelberg - Alemanha. Graduação em Teologia, pela Escola Superior de Teologia - São Leopoldo-RS, e em Ciências Sociais, pela Universidade Metodista de São Paulo.

* Doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas.

discussion. The text approaches Orientalism initially, focusing on Buddhist Studies; it indicates the participation of a colonial official who sent Buddhist texts to Europe, mentions the search of Europeans for an original Buddhism. Finally, there is a debate about the theory of Buddhism as a discursive object constructed by Europeans..

Keywords: Buddhism; 19th century; orientalism; imperialism

RESUMEN

Este artículo aborda el desarrollo de los estudios europeos sobre la Tradición Budista entre finales del siglo XVIII y principios del XIX. Su objetivo general es caracterizar las interpretaciones europeas sobre el Budismo. Los objetivos específicos son delimitar la naturaleza de estas lecturas en el contexto colonial y orientalista, caracterizar el papel de un personaje que facilitó el acceso a textos, y abordar las claves de interpretación de los europeos en ese período sobre el Budismo. El método utilizado es la discusión bibliográfica. El texto analiza el Orientalismo inicialmente, con un enfoque en los Estudios Budistas; señala la participación de un funcionario colonial que trabajó para enviar textos budistas a Europa y menciona la búsqueda de los europeos de un Budismo original. Por último, se debate la teoría del Budismo como un objeto discursivo construido por los europeos.

Palabras Clave: Budismo; siglo XIX; orientalismo. imperialism.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma discussão bibliográfica sobre o encontro dos europeus oitocentistas com a Tradição Budista, no contexto do movimento que ficou conhecido como o Orientalismo. Há duas abordagens a serem tratadas aqui: 1) apontamentos sob a ótica histórica sobre o processo de encontro dos europeus com o Budismo, fomentando estudos e traduções; 2) análise de temas e interpretações chave que participam da construção desta História.

O objetivo geral é a caracterização das interpretações dos europeus sobre o Budismo naquele período. Os objetivos específicos são: delimitar a natureza destas leituras no contexto colonial e orientalista; abordar o papel de um personagem que proporcionou acesso a textos; problematizar certas chaves de interpretação do Budismo praticadas pelos europeus no período em questão.

A delimitação abrange o final do século XVIII até meados do século XIX, acompanhando a interpretação principalmente de Phillip Almond, Donald Lopez Jr, Edward Said e Urs App, que abordam aspectos do contexto em que determinada imagem do Budismo se consolida. A opção por esses autores se justifica pelo impacto de suas pesquisas no debate sobre os estudos europeus das religiões na Ásia, bem como, por repercutirem as principais escolas interpretativas sobre o assunto. Trata-se, pois, de um estudo focado em fontes secundárias. Isso é, o artigo não abordará as fontes primárias sobre os quais esses

autores constroem suas teorias. Isso exigiria uma metodologia exegética específica, não aplicável ao recorte historiográfico aqui proposto.

Na primeira parte do texto, aborda-se brevemente o Orientalismo e a ideia corrente na bibliografia sobre o Budismo de que existe uma construção do Budismo, quando os europeus começaram a conhecê-lo, da mesma forma como houve uma imagem construída para o Oriente; na segunda parte, aborda-se um personagem central para a construção dos Estudos Budistas, Brian Hodgson, que proporcionou o acesso a diversos manuscritos, neste período; na terceira parte vemos como um tema que se tornou chave-interpretativa na época, a ideia de um Budismo original, está envolvido com uma questão em torno de textos e linguagem e uma discussão bibliográfica sobre o Budismo sob a ótica vitoriana.

2 IDEIAS SOBRE O BUDISMO NA CONSTRUÇÃO DOS ESTUDOS BUDISTAS

Com o Orientalismo, iniciado no século XVIII, a interpretação corrente para alguns pensadores, políticos e mesmo artistas é a de que “uma nova consciência do Oriente, estendendo-se da China ao Mediterrâneo, havia surgido” (Quinet *apud* Said, 1978, p. 52)., o que só foi possível com a entrada de textos e línguas orientais

Os primeiros textos indianos antigos em sânscrito começam a chegar na Europa desde o século XVI ¹, intensificando-se nos séculos seguintes. O contato dos europeus com essas fontes foi uma das variáveis a fundamentar o pensamento de que a Índia teria sido palco de uma antiga civilização originária. Paris, por exemplo, foi importante centro dos estudos de sânscrito durante o século XIX (Said, 1978), e teve em 1814 sua primeira cadeira universitária voltada para essa língua, no *Collège de France* (Olender, 1992).

Pode-se falar, de forma geral, nestes tempos, sobre a existência de diferentes formas de ser orientalista. Uma delas seria a de alguns dos orientalistas ingleses, membros da Companhia das Índias Britânicas, com formações profissionais diversas – como medicina, direito ou mesmo química. Este grupo abarca aqueles que se dedicavam a textos e a pesquisas de artefatos *in loco*. Muitos deles aprendiam as línguas asiáticas quando passavam pelo *Fort William College*, fundado em 1800, em Calcutá. Ser funcionário da Companhia

¹ Simoni e Ribeiro (2023) discutem o papel do mercador italiano Fillipo Sassetti (1540-1588) no contato com a Índia e afirmam, com I. Blikstein (1992) que ele pode ser considerado como o primeiro a mostrar a relação entre as línguas europeias e o sânscrito, e o responsável pela sistematização inicial de uma linguística comparada. Relatos como esse afirmam o século XVI como marco do início dos contatos, embora não tenham proporcionado uma sistematização ampla como ocorreria no século XIX. Tal aspecto será discutido no presente artigo, ainda nesta seção, a partir das interpretações de Donald Lopez Jr (2016) e Phillip Almond (1988).

não era visto como contraditório a pensar a Ciência. Pelo contrário, esses agentes falavam sobre certo espírito ou discurso científico de investigação, não raro como estratégia para decifrar os territórios ocupados.

Os orientalistas acadêmicos formam um conjunto diferente (Said, 1978). Alguns deles nunca viajaram para fora da Europa, mas buscavam analisar os materiais enviados pelos agentes da Companhia na Ásia, materiais esses depositados em bibliotecas como a *Bodleian* de Oxford ou em sociedades eruditas. Muitos consideravam que o Oriente a ser estudado “era, de maneira geral, um universo textual” (Said, 1978, p. 62). Uma listagem de intelectuais ocupados com o orientalismo poderia elencar figuras como Ernest Renan, Alexander von Humboldt, Heymann Steinthal, Friedrich Max Müller, Eugène Burnouf, entre outros (Said, 1978). Como parte do fluxo orientalista deve-se mencionar também a fundação de sociedades eruditas como a *Asiatic Society of Bengal*; *Société Asiatique de Paris*, fundada em 1822; a *Royal Asiatic Society*, fundada no ano seguinte, e ainda a *American Oriental Society*, fundada em 1842.

Para engendrar o movimento orientalista houve a contribuição da literatura imaginativa e de viagens de séculos anteriores. O impacto destes materiais é objeto de debates: Said os considera essenciais, também o historiador suíço Urs App vê neles a gênese do Orientalismo. Já Raymond Schwab, autor do livro *La Renaissance Orientale* (1950) e Phillip Almond as consideram com impacto menor – principalmente no caso específico do Budismo, conforme veremos mais adiante.

Todos eles, porém, consideram que um elemento unificador de tudo era a Filologia – de maneira que “quase sem exceção, todo orientalista começou a carreira como filólogo” (Said, 1978, p. 107). Franz Bopp, Silvestre de Sacy e Eugène Burnouf desenvolveram algo que ficou conhecido como uma *revolução da filologia*: um trabalho de ciência comparativa que contava com “a premissa de que as linguagens pertencem a famílias [das quais] o indo-europeu e o semítico são dois grandes exemplos” (Said, 1978, p. 107).

Quando os ingleses chegaram na Ásia, tomaram conhecimento do Budismo como religião viva em idiomas como o chinês, japonês, tibetano, pâli e assim por diante – mas não havia sinais do Budismo na Índia, a princípio, uma vez que não havia número representativo de praticantes. Isso ofuscou a princípio o seu olhar para o origem do Budismo na Índia.

Por outro lado, não é possível afirmar que o Budismo fosse completamente desconhecido na Europa, antes da ocupação inglesa de territórios na Ásia. Já havia

informações que “atravessaram o filtro até o mundo cristão inicial” (Almond, 1988, p. 7). Dos séculos XIII ao XVIII, viajantes tais como William van Ruysbroeck, João de Montecorvino, Marco Polo e missionários católicos das ordens dominicana, jesuíta, capuchinha e franciscana estiveram no Japão, China, Tibet e tiveram contato com praticantes budistas, obtendo informações e textos, os quais foram enviados para a Europa em seus relatos. Para Urs App esses movimentos relacionam-se ao nascimento do Orientalismo, pois essas literaturas não ficaram desconhecidas. Os efeitos objetivos destas contribuições, no entanto, são interpretados como de menor impacto se comparados com aqueles desenvolvidos no século XIX. Isto pode ser lido nas interpretações de Phillip Almond e Donald Lopez Jr, conforme se explica a seguir

Lopez afirma que não haveria uma compreensão de que se trataria de imagens e relatos sobre os mesmos elementos religiosos, relacionados a uma mesma figura histórica, pelo menos até o final do século XVII (Lopez, 2016). Também existe uma discussão sobre o descrédito legado a alguns dos relatos, como no caso de Marco Polo. Foi o processo de descoberta de textos e artefatos que promoveu uma compreensão mais organizada. Além disso, segundo (Lopez, 2016) muitos destes relatos permaneceram guardados para conhecimento exclusivo entre padres católicos, e não foram abertos a maior público se não com o movimento promovido no oitocentos. Com efeito, os relatos dos jesuítas ficaram sob o *Índex*, inacessíveis, até o final do século XIX (Lopez, 2016).

Almond (1988), por sua vez, efetivamente considera estes encontros como de menor importância, em comparação com o século XIX. O final dos setecentos e o começo dos oitocentos foi um período de significativo aumento do fluxo de textos com a abertura do caminho colonial e os trabalhos de acadêmicos e outros tipos de orientalistas mobilizaram periódicos, palestras e acenderam a chama de um intenso entusiasmo, a que Schwab denomina, citando Edgar Quinet, de Renascença Oriental, ou Segunda Renascença. Nesse contexto, as informações transmitidas por viajantes e missionários antes da ocupação inglesa na Ásia eram pouco mencionadas, também porque ou não estavam acessíveis a um público amplo de leitores (Lopez, 2016) ou não contavam com um corpus textual coeso e estruturado:

Mas pela maior parte do século XIX, esses encontros iniciais tiveram pouco impacto no entendimento do Budismo no Ocidente. Os vários relatos de viajantes, missionários, diplomatas e assim por diante, com pequenas exceções notáveis, não formaram uma parte significativa, ou tiveram um papel importante na rede de textos que começou a se formar no final do século XVIII. Certamente eles eram pouco citados. Além disso, a possibilidade

destas várias discretas e desconectadas referências ao Budismo formarem parte do discurso emergente sobre o Budismo estava lá apenas depois de meados do século XIX quando “Budismo” foi construído. Somente então foi possível ver tais encontros *em retrospectiva histórica* como os primeiros contatos do Ocidente com o Budismo, e apenas então foi possível classificá-los dentro o discurso sobre o Budismo. Até aquele tempo, eles permaneceram na consciência ocidental meramente como registros díspares do encontro do Ocidente com aspectos indistintos do Oriente – mas não do Oriente Budista (Almond, 1988, p. 7-8, *italico no original*, tradução nossa).²

Assim, somente no século XIX a Europa faz circular o termo Buda e suas variações, assim como outras informações sobre a tradição budista. Nisto os periódicos acadêmicos ingleses atuaram fortemente, e inclusive foram nestas publicações que a expressão Budismo se popularizou. Neles se associava uma determinada visão acadêmica, que não escapava de propósitos políticos. A consequência desse processo é a de que passa a circular pela Europa um Budismo *inventado; construído; descoberto* – marcado por propósitos do cenário colonial e dificuldades de compreensão.

Sobre o território indiano, por sua vez, há relatos que sinalizam para o fato de que o Budismo se encontrava fragilizado, ou mesmo, como afirma Lopez, totalmente ausente – podendo ser conhecido, com dificuldade, principalmente por monumentos abandonados (Lopez, 2004). Com isso, os estudos do Budismo na Europa começam por meio do contato com suas expressões vivas no Sri Lanka e no Nepal, por meio de textos, e na Índia, especialmente com os monumentos. Esses contatos foram possíveis através da atuação de alguns dos agentes da Companhia das Índias. Um dos agentes que desempenhou um papel central na coleta de fontes que pautaram os estudos budistas na Europa foi Brian Hodgson.

3 UM OFICIAL NO NEPAL: GRANDE ROTA DE MANUSCRITOS

Brian Houghton Hodgson (1801? –1894) apud (Lopez, 2004), diplomata e estudioso inglês, em 1816, se tornou oficial da Companhia das Índias Orientais a serviço em Bengala (Hutt, Whelpton, 2010). Depois, serviu em Calcutá, no início de 1818, onde teve acesso a

² No original: *But for the greater part of the nineteenth century, these early encounters made little impact on the understanding of Buddhism in the West. The various reports of travellers, missionaries, diplomats, and so on, with a few notable exceptions, did not form a significant part of, or play an important role in, the network of texts about Buddhism that began to develop at the end of the eighteenth century. Certainly, they are seldom cited. Moreover, the possibility of these various discrete and unconnected references to Buddhism forming part of the emerging discourse about Buddhism was only there after the middle of the nineteenth century when 'Buddhism' had been constructed. Only then was it possible to see such encounters, in historical retrospect, as the earliest contacts of the West with Buddhism; and only then was it possible to classify them within discourse about Buddhism. Until that time they remained in Western consciousness merely as disparate accounts of the encounter of the West with indistinct aspects of the Orient – but not of the Buddhist Orient.*

estudo de sânscrito e persa, por ingressar no *Fort William College*. Entre 1819-1820, assumiu cargos administrativos em Kumaon, um território anexado do Nepal, e na capital do Nepal, Katmandu (Hutt, Whelpton, 2010). Enquanto esteve no Nepal, teve acesso a estudos das línguas nepalesa e newari (Hutt, Whelpton, 2010).

No que diz respeito a conhecer as tradições religiosas do Nepal, foi um colecionador/coletor de um número muito grande de escrituras budistas em sânscrito e tibetano. Enviando-os a instituições da Europa, seria lembrado posteriormente como um dos responsáveis por revelar os textos em sânscrito do Budismo da tradição Mahāyāna.

Esse material foi enviado em sua maior parte para diversas instituições europeias – mais de quatrocentos manuscritos (Lopez, 2010). Os pesquisadores que fizeram traduções, edições e comentários sobre tais textos se tornaram conhecidos como fundadores de uma área denominada Estudos Budistas (Lopez, 2010). Entre eles contam-se Phillippe Edouard Foucaux, E.B. Cowell, Louis de La Vallée Poussin, Max Müller e, principalmente, Eugène Burnouf.

Burnouf é considerado como o responsável por dar início a parâmetros e paradigmas de análise, estabelecendo o que se abordaria e pesquisaria sobre o Budismo por mais de um século, graças à sua obra *Introduction à l'histoire du Buddhism Indien*, de 1844 (Lopez, 2010). Ele já era um pesquisador de sânscrito reconhecido, quando teve acesso aos textos budistas que Hodgson lhe enviou pessoalmente, tornando-se por conta disso uma autoridade na área. Dentre as ideias paradigmáticas, conta-se uma, que também foi expressa por Hodgson e outros de seu tempo: a primazia dos textos, em relação às práticas religiosas, para se conhecer o Budismo (Lopez, 2010).

Hodgson desejava, ao coletar os textos e tentar explicar o Budismo, “reunir os materiais que tornariam isso possível para outros” (Lopez, 2004, p. 52) por conta de um alegado zelo com a ciência. Ele não possuía um interesse particular no Budismo, ao menos a princípio – e pesquisou muito mais sobre a fauna nepalesa do que sobre a religião de Buda no Nepal. Seu “respeito pela ciência em geral” (Lopez, 2004, p. 52) expressa sua historicidade, da mesma forma como outros oficiais da Companhia também mencionavam uma aspiração em fazer contribuições para a difusão do conhecimento e da ciência.

No entanto, quando finalmente se volta ao Budismo e quando Hodgson consegue enfrentar as resistências dos nepaleses com a sua presença, devido ao seu papel político, “é significativo que ele não vai registrar as atividades dos peregrinos ao redor das estupas de

Kathmandu” (Lopez, 2004, p. 52) ou ainda observar as cerimônias dos mestres e monges; ele mesmo afirma que seu primeiro objeto era investigar a existência de escrituras budistas naquela região e neste ponto ele demonstra mais uma vez uma forma de pensar sobre o Budismo próprio deste momento.

No *College Fort William*, onde estudou, era parte do que se ensinava a abordagem dos textos como o meio de conhecimento primordial em torno de uma religião. Toda religião deveria ser abordada em termos textuais, e deveria ter um fundador. E nos primeiros tempos do século XIX, enquanto o Budismo estava sendo aos poucos conhecido, após os debates sobre a existência história de seu fundador, por alguns anos pareciam faltar os textos para os europeus (Lopez, 2004). A grande rota de manuscritos que Hodgson promoveu ganhou notoriedade, inclusive por conter textos como *Lalitavistara* e o *Buddhacarita*, que falam da vida de Buda.

Os manuscritos seguiram em rota para a Europa não por esforços únicos de Hodgson em coletá-los, mas por conta de seus contatos com Amṛtānanda, um estudioso nepalês (Lopez, 2004). Graças a esses contatos, Hodgson escreveu *Sketch of Buddhism*, em que relata as questões que fez para Amṛtānanda. Suas perguntas tinham caráter teológico, com ponto de partida cristão e evidenciam a dificuldade de adentrar as características teológicas budistas.

Sua visão do Budismo como uma tradição religiosa originalmente compreensível dos textos em sânscrito abre caminho para o desejo de comparar o suposto Budismo do passado, original e dos textos, com um suposto Budismo do presente e do vivido. O Budismo da Índia, que já havia há anos definhado até ser considerado desaparecido, ainda estava presente nos textos, o que possibilitava sua comparação com o Budismo presente do Nepal (Lopez, 2004). Assim, passou a considerar a existência de um Budismo *originário* e o *derivado*, fomentando também uma discussão sobre a língua originária e traduções, onde se estabelece o critério de que o original e verdadeiro é o mais antigo e textualmente atrelado ao sânscrito. Essa visão não seria exclusiva de Hodgson.

4 BUDISMO SOB O OLHAR VITORIANO

Certas polêmicas em torno do Budismo original esbarraram no problema das outras religiões indianas antigas, ligadas aos textos dos Vedas. A preocupação envolvia, conforme (App, 2010), uma tentativa de *resolver* o problema da antiguidade do sânscrito védico, mas

também em como situar esta parte da Ásia em alguma relação com a Bíblia. Identificar as origens era sinalizar como a existência daqueles povos poderia ser incluída em uma explicação linear que combinasse dados de suas histórias com narrativas bíblicas desde o tempo do Éden (Olender, 1992). Contudo, o fato do sânscrito se mostrar mais antigo criava problemas para harmonizar estas histórias, já que havia uma valorização da narrativa das origens.

Tais questões ecoaram nos estudos sobre o Budismo, na tentativa de criar uma narrativa linear sobre sua história em relação ao Bramanismo. A polêmica também está relacionada ao fato de que, diferentemente de Hodgson, muitos investigadores e interessados dos primeiros períodos na Índia tiveram acesso e contaram com explicações sobre Buda e o Budismo a partir das palavras não de praticantes budistas dos territórios em que a religião se expressava ainda, mas sim de interlocutores indianos hindus (Almond, 1988), que desejaram defender uma determinada visão de sua própria história.

Assim, a partir da segunda metade do século XIX, na Europa, já se aceitava amplamente que o Budismo se originou na Índia. Mas indagava-se qual era a religião mais antiga, o Bramanismo ou o Budismo. Essa questão sinalizava no interesse em reconhecer as origens de cada religião e sua influência sobre a outra, ou seja, se o Budismo havia se originado do Bramanismo ou vice-versa (Almond, 1988). A mais antiga poderia ser considerada como mais correta, e a derivada, ou posterior, como uma degeneração.

Tudo isso trouxe dúvidas mesmo sobre o caráter histórico da vida de Buda. Também seria apontado por alguns que Buda poderia ser um avatar de Vishnu, do panteão indiano hindu; enquanto outros afirmariam que teriam existido dois Budas, um no Bramanismo e outro no Budismo (Almond, 1988). Todas essas interpretações recebem também impactos da tentativa de classificar cronologicamente o surgimento e a antiguidade da língua e dos textos.

Burnouf tomou parte dessa discussão, afirmando a antiguidade do sânscrito em sua obra publicada em 1844³. Ele defendeu que a maior parte dos textos mantidos como sagrados pelos Budistas do Tibete, China e Mongólia eram traduções dos textos em sânscrito (Almond, 1988). Consequentemente, os textos em sânscrito seriam os originais dos quais os

³ BURNOUF, Eugène. *Introduction à l'histoire du Bouddhisme Indien*. Paris: Imprimerie Royale, 1844. Esta obra foi traduzida para inglês em 2010, por Donald Lopez Jr, que também escreveu a introdução. BURNOUF, Eugène. *Introduction to the History of Indian Buddhism*. Translated by Donald S. LOPEZ Jr. Chicago: University of Chicago Press, 2010.

outros são traduções e cópias – portanto, isso restitui “à Índia e sua língua o estudo de uma religião e filosofia dos quais a Índia é a terra natal.” (Almond, 1988, p. 24).

Em 1849, resenhando o trabalho de Burnouf, um autor dizia que a antiguidade do sânscrito em relação ao pāli, língua dos textos da tradição Theravāda, era indeterminada ainda – e cinco anos depois o texto *Forest Life in Ceylon* também colocava dúvidas a respeito (Almond, 1988). Em 1856, Horace Wilson, que havia participado ativamente de trabalhos da Companhia das Índias e da Sociedade de Bengala, afirmou que o pāli era mais recente que o sânscrito, datando-o no século V d.C. – porque os textos teriam, disse ele “as características de um cultivo tardio e menos intelectual” (Almond, 1988, p. 28), difuso e com adições extravagantes. Outros comentadores passaram a defender que os textos do pāli eram um fruto de um momento mais antigo, mais racional, mais puro e simples do Budismo – sendo por isso mais antigos. E essa noção parece ter se tornado majoritária na leitura britânica, em especial por conta da fundação da *Pāli Text Society*, por Rhys Davis, que promoveu essa interpretação – a partir do final do século XIX.

Autores como Almond (1988) defendem que um discurso sobre o Budismo foi consolidado finalmente em meados do século XIX. Para ele, então, é neste momento que a palavra finalmente passou a designar a referência à religião destes textos, destas línguas, mas também uma variedade de aspectos das culturas orientais (Almond, 1988) – distinta da religião dos Hindus, compreendendo um único fundador histórico, consciente de seu surgimento na Índia, porém em um período ainda inespecífico. Com efeito, a cronologia do Budismo até hoje é uma discussão a ser compreendida de acordo com diferentes escolas e suas referências, tema inclusive de congressos.

No mesmo período em que as opiniões se firmam, o Budismo passa a ser visto como uma tarefa acadêmica a ser enfrentada com base nesses textos, e com uma cronologia certa, que se alinhe às histórias conhecidas pela Europa – inicialmente, da Bíblia, mas também as narrativas da Antiguidade Clássica, especialmente de Alexandre, o Grande (Kejariwal, 1988). Durante o século XIX como um todo, especialmente em suas últimas décadas, podemos discernir um processo de textualização do Budismo, especialmente depois da fundação da *Pāli Text Society*, em 1881 – mesmo ano em que há uma aceleração ainda maior da publicação relacionada aos textos em sânscrito (Almond, 1988).

Se houve polarizações, com grande interesse de um lado e rejeição de outro, o lado positivador produziu materiais próprios como, por exemplo, a obra em versos *The Light of Asia*, escrita por Edwin Arnold, um europeu, em 1879. Narrando a vida do Buda, teve ampla

aceitação, mobilizou curiosidade e entusiasmo, e foi mantida em alta conta pelo fascínio vitoriano sobre o Budismo, o que proporcionou ao seu autor “um mercado pronto para sua obra” (Almond, 1988, p. 3).

Para Urs App (2010), entretanto, não há uma invenção ou mesmo uma descoberta do Budismo que possa ser remetida ao século XIX e aos tempos coloniais. Existe, para ele, um desenvolvimento em tempo mais longo, por séculos, recuando ao tempo dos viajantes e dos missionários, desde o século XIII, com Marco Polo e William Rubruck e assim por diante. Nos contatos com o Japão, por exemplo, os europeus já teriam captado uma série de ideias chave para compreender as religiões asiáticas (App, 2010). Essas chaves, para ele, não haviam sido perdidas.

Dos contatos dos jesuítas com a Ásia, no início da Era Moderna, vieram leituras com interpretações muito diferentes se comparadas com os relatos que vinham da África ou da América (App, 2010). Relatos falavam sobre monges e monjas budistas, seus monastérios, seus objetos de prática semelhantes aos rosários cristãos, bibliotecas, ritos e funerais, narrativas de paraíso e inferno – e nem sempre eram acompanhados por tons sombrios de narrativas ou com um olhar detrator. Além disso, traziam também detalhes de doutrinas centrais como meditação, ações meritórias, não-violência.

Alessandro Valignano, missionário jesuíta, publicara, em 1586, um catecismo que refletia elementos doutrinários do Budismo a partir da perspectiva japonesa e falava, por exemplo, da divisão de categoria de ensinamentos budistas, chamada provisórios e últimos (App, 2010). Esse texto foi lido por todo missionário em viagem para a Ásia no contexto colonial do século XVI.

Os padrões explicativos criados naquele contexto teriam sido efetivos ainda no século XVII e no século XVIII, não tendo desaparecido e se fazendo ainda presentes no século XIX (App, 2010). E, adicionalmente, nos anos dos setecentos, outro modelo surge, o chinês. O jesuíta João Rodrigues, por exemplo, teve um papel central, e embora seja muitas vezes ignorado, como afirma App – sua obra com fontes do chinês e do japonês exerceram uma influência na Europa que supera o século em que escreveu.

Percebe-se, com o exposto, a diversidade de leituras a respeito dos contatos do Budismo com o Ocidente no século XVIII e XIX. Se os textos produzidos ecoam o entusiasmo orientalista em relação aos textos sagrados de religiões asiáticas, ou se acompanhavam as referências dos textos jesuítas – ou se não se voltaram para eles, mas proporcionaram um

fluxo novo – fato é que a construção dos Estudos Budistas oitocentistas, inegavelmente, foi possibilitada pelos processos coloniais e estava mobilizada com um zelo em torno dos textos. A cultura vitoriana deixou marcas no que se falou sobre o Budismo naquele momento, priorizando questões, fontes e preocupações coerentes com o contexto político e científico europeu.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Autores como Lopez e Almond sinalizam a ideia de uma invenção ou construção do Budismo – enquanto App tem visão diferente. Aqui, é importante notar que *descoberta* e *invenção* podem ser compreendidos como termos aplicáveis à forma como o Budismo estava sendo discutido no século XIX pelos europeus, não envolvendo a totalidade das análises.

No período abordado por eles, o volume de textos e manuscritos, o entusiasmo inflamado pelo neocolonialismo e orientalismo, o número de participantes em traduções, elaboração de gramáticas etc., criou uma espécie de *rota de textos*, da qual Hodgson é possivelmente o personagem com contribuição mais marcante.

Na Europa e na Índia, a fundação das sociedades asiáticas, os orientalistas acadêmicos e os de campo, divulgaram em torno de si a noção de uma descoberta. Essa ideia da descoberta talvez tenha reforçado uma identidade para o Ocidente que pensa *descobrir* o Oriente, apesar de repousar eventualmente suas análises em trabalhos anteriores e em outros debates, iniciados antes, sem falar abertamente destas colaborações ou mesmo das colaborações dos nativos, que também ocorreu e nem sempre foi devidamente mencionada – como foi o caso do interlocutor de Hodgson.

Se as contribuições dos séculos anteriores contavam com as mãos e olhos de religiosos, entre eles jesuítas – dentre os participantes do Orientalismo oitocentista, por outro lado, se viam políticos, pesquisadores e curiosos, tentando articular conjuntamente uma ciência racional e investigativa, nova também, supostamente livre das pressões religiosas. Isso vai ao encontro da criação de uma Ciência das Religiões, feita com perspectiva histórica, que se descola da Teologia. E de uma nova Filologia, que também se descola da visão cristã da existência de uma língua edênica, e passa a trabalhar com referenciais de metodologia comparativa.

Não se pode desconsiderar que se trata também de um movimento que coincide com o tempo da criação dos campos dos saberes, a compartimentação epistemológica. E que isso

significa disputa por lugares nas universidades, por financiamento e por prestígio acadêmico e social.

A disputa pelo conhecimento, neste sentido, não é uma disputa gratuita, da luta por um saber desinteressado, pelo amor à Ciência e à verdade, como disse Hodgson. Significa, por estar no contexto do colonialismo, a luta por territórios de vários tipos. É uma luta por império, por poder. Faz parte do *soft power*. E neste movimento criam-se alguns recortes em torno dos objetos. O Oriente e o Budismo não foram criados ou inventados neste momento. Mas os recortes feitos pelo período são-lhe próprios, e esses recortes passam a ser chamados de Oriente e Budismo. Atendem à necessidade do momento, com as perguntas que lhe foram feitas. E coloca desinteresse em torno das experiências e do vivido.

É de se notar, por exemplo, as ênfases apontadas aqui sobre cronologia, língua, precedência. Essas não são discussões feitas no campo soteriológico, teológico, religioso. São discussões de uma Ciência que deseja exercer domínio, tornar o objeto conhecido, situá-lo no tempo, nas gramáticas, nos arquivos e nas bibliotecas. Para isso, certas chaves de entendimento lhes foram convenientes. Nelas, diga-se, os budistas nativos, não raro, não tem lugar.

Estaremos satisfeitos se o exposto contribuir para a reflexão sobre o contexto e as condições em que os estudos sobre o budismo se desenvolveram na Europa o que, como referido acima, leva alguns pesquisadores a admitir a hipótese de uma invenção do budismo. A reflexão também pode problematizar as repercussões desse processo para o que se convencionou chamar de uma Ciência da Religião, embora não tenha sido esse o recorte específico do artigo. Ou seja, tanto a interpretação europeia do século XIX, do que venha a ser o budismo, quanto os pressupostos fundantes de uma Ciência da Religião respondem, em boa medida, a demandas, jogos de poder e contingências daquele contexto. Esse pode ser um ponto de partida e um aspecto a ser considerado em nossa contribuição atual para a consolidação dos estudos da religião em nosso contexto específico.

REFERÊNCIAS

ALMOND, Phillip C. **The British Discovery of Buddhism**. Cambridge University, 1988.

APP, Urs. **The birth of orientalism**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2010.

HUTT, Michael. WHELPTON, John. The Catalogue of the Hodgson Collection in the British Library. In: **European Bulletin of Himalayan research**, 39.

França/Alemanha/Reino Unido: EBHR Editorial Committee. Disponível em: [https://eprints.soas.ac.uk/13835/1/The Catalogue of the Hodgson Collection by John Whelpton and Michael Hutt.pdf](https://eprints.soas.ac.uk/13835/1/The_Catalogue_of_the_Hodgson_Collection_by_John_Whelpton_and_Michael_Hutt.pdf) Acesso em 05 maio 2024

KEJARIWAL, Om Prakash. James Prinsep and the Period of Great Discoveries, 1832-1838. In: **The Asiatic Society of Bengal and the Discovery of India's Past**. 1784-1838. Delhi: Oxford University Press, 1988.

LOPEZ JR, Donald. **Curators of the Buddha: The Study of Buddhism Under Colonialism**. Chicago/London: The University of Chicago, 1995. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=7PWAS2viSfoC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbp_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false Acesso em 15 fev 2021.

LOPEZ JR, Donald. Introduction to the translation. In: BURNOUF, Eugène. **Introduction to the history of Indian Buddhism**. Chicago: University of Chicago, 2010.

LOPEZ JR, Donald. The ambivalent exegete: Hodgson's contributions to the study of Buddhism. In: WATERHOUSE, David. **The Origins of Himalayan Studies: Brian Houghton Hodgson in Nepal and Darjeeling**. London/New York: Routledge Curzon, 2004.

LOPEZ JR, Donald. **Strange Tales of an Oriental Idol: An Anthology of Early European Portrayals of the Buddha**. Chicago: University of Chicago Press, 2016.

OLENDER, Maurice. **The Languages of Paradise: race, religion and philology in the nineteenth century**. Cambridge, London: Harvard University, 1992.

SAID, E. Orientalismo. **O Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990 (1978).

SCHWAB, Raymond. **Oriental Renaissance. Europe's Rediscovery of India and the East, 1680-1880**. New York, Columbia University Press, 1984 (1950).

SIMONI, Karine; RIBEIRO, Karla. **Filippo Sassetti (1540-1588), um florentino a serviço das grandes navegações: tradução comentada e anotada do italiano ao português da carta XCV**. Revista de Letras, [S. l.], v. 1, n. 42, 2023. DOI: 10.36517/revletras.42.1.9. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/85281>. Acesso em: 3 nov. 2024.

Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Contribuição na coautoria: Concepção e planejamento do estudo: LAPF. Coleta, análise e interpretação dos dados: LEW, LAPF. Elaboração ou revisão do manuscrito: LEW, LAPF. Aprovação da versão final: LEW, LAPF. Responsabilidade pública pelo conteúdo do artigo: LAPF, LEW

Conflito de interesses: O autor e a autora declaram não haver conflito de interesses.

Recebido em: 30-05-2024.

Aprovado em: 03-12-2024.

Editor de seção: Flávio Senra.